



## O Debate sobre a Homossexualidade na Comunhão Anglicana e a “Nova Moralidade” de John Robinson

Rev. Mário Ribas\*

### Direitos Humanos e a Igreja

Nem sempre a Igreja tem ficado de fora da luta pelos direitos humanos dos gays e lésbicas. Sensibilizada pelas afrontas que recebiam da sociedade, a Igreja procurou trabalhar seu posicionamento sobre a questão, principalmente no que diz respeito à dignidade humana dessas pessoas. Possivelmente, o primeiro envolvimento da Igreja na questão, antes de começar o debate sobre a admissão de homossexuais no ministério ordenado tenha sido na década de 50. Nessa época, as práticas homossexuais eram proibidas por lei no Reino Unido e em grande parte da Europa. Na Dinamarca, homossexuais poderiam até mesmo ser punidos com a castração, enquanto que, na Inglaterra, eram aprisionados. Em 1952, o Conselho para o Bem Estar Moral, da Igreja da Inglaterra, iniciou um programa de estudo sobre a questão.<sup>1</sup> O resultado do estudo foi aprovado pelo Sínodo da Igreja. Como consequência destes estudos, o governo britânico nomeou uma comissão (*Wolfenden Committee*) para tratar do assunto de modo que em 1967, a lei que tratava as práticas homossexuais como crime foi alterada.<sup>2</sup>

Mas o que levou a Igreja da Inglaterra a adotar tal postura naquele período, antes mesmo que as autoridades civis o fizessem? Possivelmente, ela não queria repetir erros do passado, dentre os quais, o apoio à ‘escravidão durante o período colonial britânico sobre muitos países africanos e asiáticos’.<sup>3</sup> Em muitos aspectos, a Igreja inglesa legitimava a ação do governo por ser uma Igreja estatal. O combate à escravidão e às injustiças sociais, em grande parte, se deu através da ala evangélica da Igreja, que naquele período era puritana na sua orientação. Tinha forte

---

\* Graduado em Teologia pela Universidade de Bristol, Inglaterra, e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente reitor da Paróquia de Todos os Santos, Santos, SP, e Coordenador do Instituto Anglicano de Educação Teológica de São Paulo. Texto adaptado da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, defendida e aprovada na Universidade Metodista de São Paulo. Título “Escritura, Tradição e Razão no debate sobre a homossexualidade no Anglicanismo”.

<sup>1</sup> Church of England - Moral Welfare Council, Study on the problem of homosexuality (Londres: Church of England, 1952)

<sup>2</sup> Church of England – Board of Social Responsibility, *Homosexual relationships: a contribution to discussion* (Londres: Church Information Office, 1979) p. 7.

<sup>3</sup> Natanael Duval da Silva, *A igreja militante*, ps. 192-193.



preocupação com os direitos humanos,<sup>4</sup> mas em relação à homossexualidade reunia seus mais fortes oponentes.

No mesmo documento sobre a homossexualidade, a Igreja da Inglaterra já reconhecia a existência de sacerdotes gays na Igreja, que, ou escondiam seus sentimentos, ou se casavam para manter as aparências. Ainda que o homossexualismo não fosse mais considerado crime, a participação de seus praticantes na hierarquia eclesiástica era inaceitável.<sup>5</sup> O então arcebispo de Cantuária, Michael Ramsey, afirmava que havia distinção entre o que a lei permitia e o que era moralmente aceitável pela Igreja.<sup>6</sup> É interessante notar, contudo, que a preocupação da Igreja pelos direitos dos homossexuais expressarem sua sexualidade sem serem punidos com prisão aconteceu quatro anos após a publicação do relatório de Kinsey nos Estados Unidos.<sup>7</sup>

Embora a Igreja ainda mantivesse postura prenhe de ambigüidades, é inegável que a defesa de mudanças na lei foi um grande passo, pois afirmava o direito à dignidade humana independentemente da orientação sexual. A Igreja foi sensível a uma questão social e pôde perceber os avanços da ciência no sentido de destruir conceitos que antes existiam a respeito da homossexualidade.

Nos anos que se seguem, a Igreja começa a debater a inclusão dos gays e lésbicas, o reconhecimento de suas relações afetivas, e também a ordenação dos mesmos às ordens clericais. No entanto o debate migra da área de direitos humanos para a área da dogmática, cujos paradigmas foram estabelecidos no contexto de uma cultura androcêntrica, de classe média branca, onde sempre se concebia a heterossexualidade como padrão normativo, mas os atos sexuais em qualquer contexto como tabu.

O relatório Kinsey, e logo após os grupos gays de militância que se organizaram na Europa e Estados Unidos, derrubaram muitos mitos que existiam em relação à homossexualidade, mostrando que esta prática estava longe de ser meramente como casos isolados de desvios da norma sexual estabelecida. Desta forma os paradigmas heterossexuais da dogmática começaram a ser questionados. Uma nova ordem moral precisava ser estabelecida.

### **Por uma Nova Ordem Moral**

O primeiro teólogo anglicano a questionar o moralismo vitoriano e defender a necessidade de uma nova ordem foi o Bispo John Robinson, na década de 60 quando ainda era bispo de Woolwich na diocese de Southwark em Londres. O seu livro *Honest to God* causou grande desconforto nos círculos eclesiásticos, pois parecia que sua intenção era colocar em descrédito os princípios cristãos e incentivar a permissividade. Robinson defendia que a intenção do livro era primeiramente

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Church of England – Board of Social Responsibility, *Homosexual relationships: a contribution to discussion*. p. 6-7.

<sup>6</sup> *Gay Times* (Londres, dezembro 1996).

<sup>7</sup> Alfred C. Kinsey et al, *Sexual behaviour in the human male* (Filadélfia: Saunders, 1948).



missionária, no sentido de ajudar aqueles que se encontravam nas margens da fé.<sup>8</sup> Robinson combate a maneira como os seres humanos têm sido tratados, como se fossem construídos a partir de uma *fórmula matemática*<sup>9</sup>, que ignora todas as complexidades da vida e das relações. Somente o amor, defende Robinson, é o princípio maior que deve reger as relações e que leva a um entendimento profundo do outro.

Ainda que Robinson não tenha tratado do tema da homossexualidade diretamente, seus escritos impulsionaram este debate, que, mais tarde, encontrariam seus maiores expoentes nos bispos John Spong e Richard Holloway.

Ao tratar da nova moralidade, Robinson tenta estabelecer novo conceito de moral baseado somente no amor. O amor é a essência de tudo. A presença ou ausência do amor em determinadas ações é o critério para julgar se as mesmas são certas ou erradas.<sup>10</sup> No que concerne às relações sexuais, ele argumenta da seguinte maneira:

*Pois nada em si mesmo pode sempre ser rotulado como "errado". Ninguém, por exemplo, pode começar da posição de que 'relações sexuais antes do casamento', ou 'divórcio' são errados ou pecaminosos em si mesmas. Tais situações podem existir em 99 ou 100 por cento dos casos, mas mesmo assim não poderão ser julgadas intrinsecamente más, porque o único mal intrínseco é a falta de amor.*<sup>11</sup>

Ao interpretar o mal e, portanto o pecado, como aquilo que de maneira intrínseca não tem amor, ou que vai contra a lei do amor, Robinson mexe com toda a estrutura da tradição da Igreja em torno dos textos sagrados, principalmente nos que dizem respeito ao sexo. A expressão sexual em Robinson é sujeita à lei do amor, e não à lei do matrimônio. A única coisa que poderá decidir se aquele ato é errado é quando ele é praticado sem amor – ou a busca pela satisfação pessoal sem compromisso com a outra pessoa envolvida.

Robinson tenta restaurar a ética, purificando-a de todo moralismo agregado durante o desenvolvimento da tradição cristã. Ele defende que a Escritura deve ser sempre interpretada e aplicada *'situationally and not prescriptively'*.<sup>12</sup> Em outras palavras, ele diz que o que interessa é o ser humano, acima de tudo: 'O amor é o fim da lei, porque ele respeita o ser humano –o ser humano único e individual - incondicionalmente.'<sup>13</sup>

<sup>8</sup> Eric James, *A life of Bishop John A. T. Robinson* (Londres: Collins, 1987), p. 122.

<sup>9</sup> John A. T. Robinson, *writing about Honest to God* in the Sunday Mirror, 7 Abril de 1963.

<sup>10</sup> John A.T. Robinson, *Honest to God* (Londres: SCM Press, 1963), p. 113.

<sup>11</sup> Ibid. p. 118.

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> Ibid. p. 120.



A lei do amor, segundo Robinson, considera primariamente o indivíduo e sua condição, de modo que toda experiência sexual é válida, desde que se conforme àquela lei. Nisto, ele acaba também estabelecendo um novo entendimento sobre a castidade e, dentro deste entendimento, mostra os parâmetros para o comportamento humano: 'Castidade é a expressão de caridade – de cuidar, suficientemente. E isto é o critério para todo tipo de comportamento, dentro do matrimônio ou fora dele, na ética sexual ou em qualquer outro área, pois nada mais torna as coisas certas ou erradas.'<sup>14</sup>

O critério estabelecido aqui não é a abstinência sexual, mas sim o amor. Ao contrário da norma estabelecida pela Igreja, em que ela reconhece as relações amorosas entre homossexuais, mas proíbe-os de expressarem sexualmente este amor. O sexo fica, assim, reservado apenas aos que estão no estado do matrimônio.<sup>15</sup>

Seria, talvez, possível que a 'nova ética' desenvolvida por Robinson ajudasse a Igreja a adotar novos princípios quanto às relações humanas. Esta ética prioriza cada ser humano em sua experiência de vida acima de qualquer outro conjunto de leis específicas, que tendem a cercear a liberdade e a expressão sexual. Analisando alguns documentos sobre a questão da homossexualidade, perceberemos, no entanto, a dificuldade que a Igreja tem tido para se libertar da tradição desenvolvida ao longo dos séculos em torno da sexualidade humana, e de reconhecer que, tanto a tradição, quanto a bíblia estão impregnadas de experiências ou conceitos próprios de diferentes contextos culturais em que foram desenvolvidas.

### Conferência de Lambeth 1978

Ainda com os interesses voltados para as questões de direitos humanos, na Conferência de Lambeth de 1978, dois bispos americanos - John Coburn, de Massachusetts, e Paul Moore, de Nova York -, encaminharam propostas para que o assunto da homossexualidade fosse estudado.<sup>16</sup> Esse encaminhamento serviu como alavanca para que os debates sobre o homossexualismo na Comunhão Anglicana deslanchassem. O relatório da Conferência apresentou a questão da seguinte maneira:

*Hoje não se espera que todos se conformem a uma norma – uma espécie de qualidade média de ser humano – mas antes se regozijem na diversidade. Assim o status e os direitos dos homossexuais estão sendo reconsiderados. A*

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> Anglican Consultative Council, *Lambeth Conference 1978* (Londres: ACC, 1978) 'the report on human sexuality'.

<sup>16</sup> Ver Sumio Takatsu, 'Homossexualidade no anglicanismo', in *Mandrágora 5* (S. Bernardo do Campo: Umesp, 1999), p. 42.



*homossexualidade é raramente compreendida pela Igreja e pela sociedade. A despeito de muitas pesquisas há ainda uma divergência considerável sobre a sua natureza e causa. A mesma é referida comumente como sendo um desvio. Todavia muitos homossexuais acreditam ser normais. Eles ou elas não pedem simpatia, mas reconhecimento do fato que sua relação homossexual pode expressar amor mútuo próprio para as pessoas envolvidas tanto quanto os heterossexuais. A maioria dos cristãos não quer concordar com esta posição. Contudo, afirmamos que não haverá uma compreensão adequada da sexualidade, tanto na sociedade como um todo, quanto entre os cristãos, até que abordem a questão sem preconceito e com compaixão. Questões relacionadas com a homossexualidade são reconhecidamente complexas, e observamos que estão sendo objetos de estudos sérios em algumas partes da Comunhão Anglicana... É responsabilidade de cada igreja local tornar-se uma comunhão/comunidade afetuosa, centrada em Cristo e eucarística, para que cada tendência encontre sua verdadeira unidade e comunhão dentro da família total de Cristo, onde todos são pecadores, todos podem encontrar a graça e o perdão de Cristo em sua comunidade acolhedora.<sup>17</sup>*

Percebe-se no relatório que uma abertura está acontecendo em várias partes da Comunhão Anglicana. Já não se trata apenas de cuidado pastoral para com os homossexuais, mas do reconhecimento de que as relações homoeróticas têm o seu valor. No entanto, nenhum passo ainda havia sido dado no sentido da Igreja legitimar estas uniões sacramentalmente, por meio de cerimônia específica, igual às que existem para os casais heterossexuais. Muito menos se ventilava a possibilidade de ordenação de pessoas que se encontrassem nessa condição, apesar da Igreja da Inglaterra já reconhecer a existência de homossexuais no sacerdócio.<sup>18</sup>

Ao cercar-se de referenciais científicos, a Igreja deixou de ser refém unicamente do texto bíblico e da Tradição para se posicionar diante de questões complexas de moral e ética, às quais nem sempre pode oferecer uma resposta ampla. Também passa a considerar as transformações sociais, de forma que pudessem ter uma revelação clara e concreta para situações específicas em cada contexto.

### **Conferência de Lambeth 1988**

A Conferência de Lambeth de 1988 não foi muito além do que havia sido decidido na Conferência anterior em relação à homossexualidade. Contudo, a

---

<sup>17</sup> Anglican Consultative Council, *The report of the Lambeth Conference 1978* (Londres: ACC, 1978), p. 64-65.

<sup>18</sup> Church of England/Board for Social Responsibility, *Homosexual Relationships: a contribution to discussion*, p. 6-7.



Conferência reafirmou a posição que havia sido tomada anteriormente, considerando também questões de direitos humanos para pessoas de orientação homossexual.<sup>19</sup>

*A Conferência de Lambeth de 1988 reafirma a declaração de 1978, reconhecendo a contínua necessidade de estudo profundo e desapassionado, para a próxima década, da questão da homossexualidade, que leve em consideração tanto o ensino da Escritura quanto o resultado da pesquisa científica e médica.*

*Recomenda com urgência que tal estudo e reflexão leve em consideração pesquisas psicológicas biológicas e genéticas que estão sendo realizadas por outras agências, bem como fatores socioculturais que gerem diferentes atitudes nas Províncias de nossa Comunhão. Convoca cada Província (Igreja) a reavaliar, à luz de tal estudo e de nossa preocupação com os direitos humanos, o cuidado com e a atitude para com as pessoas de orientação homossexual.<sup>20</sup>*

É preciso lembrar que o assunto que dominou a agenda desta conferência foi a ordenação feminina. Nos anos seguintes, contudo, o debate sobre homossexualismo ganharia maiores proporções. Mas se analisarmos como as questões relacionadas com a ordenação feminina foram abordadas a partir da Conferência de 1988, perceberemos uma enorme diferença deste debate em relação ao da homossexualidade. E poderemos concluir o modo como a Igreja tem sido ambivalente ao tratar dos dois casos. Essa ambivalência pode ser verificada no modo como os assuntos são tratados em relação à Bíblia e à tradição. Se, para muitos, a participação das mulheres na liderança sacerdotal era condenada pela Escritura, o texto era interpretado como simbólico, carregado de implicações culturais da época em que foi escrito. Este mesmo princípio não se aplica à questão do homossexualismo,<sup>21</sup> permanecendo o combate à homossexualidade com base na Escritura, cujos textos sobre a questão são tomados de forma literal não considerando todas as implicações que os permeiam. Apoiando a ordenação de mulheres ao sacerdócio, a Conferência de Lambeth reconheceu que a Escritura não é completamente maleável, no entanto admite que a mesma foi endereçada a um contexto particular que, quando desconsiderado, a torna abstrata. Por isso, a Escritura deve ser lida à luz da Razão e da Tradição, de modo que distinga seu contexto originário e entenda seu significado para os dias de hoje.<sup>22</sup> Restam dúvidas sobre qual o instrumental ou metodologia a ser usada para definir o que deve ser interpretado literalmente e o que pode ser interpretado de forma simbólica. É claro que é possível perceber os interesses da instituição de preservar a si mesma naquilo que poderia colocá-la em descrédito num

<sup>19</sup> Anglican Consultative Council, *Lambeth Conference 1988*. (Londres: ACC, 1988), relatório 64.

<sup>20</sup> Anglican Consultative Council, Relatório 'The truth shall make you free', p. 237.

<sup>21</sup> Mário F. Ribas, How do Reason, Tradition and Scripture relate to each other and how did this relationship manifest itself at Lambeth Conference '98? (Bristol: University of Bristol, 1999, monografia de bacharelado), p. 22.

<sup>22</sup> Anglican Consultative Council, *For the Sake of the Kingdom* (Londres: Church House Publishing, 1986), p.65.



determinado sistema social. A Igreja encontraria uma certa facilidade em ordenar mulheres, mas a inclusão homossexual poderia levar o anglicanismo ao descrédito em uma sociedade que ainda questionava a natureza da homossexualidade.

Em relação à maleabilidade das leis prescritas na Escritura, Hooker afirmava que 'a natureza de cada lei deve ser julgada pelo objetivo para o qual cada uma foi feita, e pela aptidão das coisas prescritas com a mesma finalidade...'<sup>23</sup>

Descobrir os objetivos específicos de cada lei bíblica pode ser trabalho difícil para a Igreja, mas facilitaria o julgamento do que ainda é aplicável no contexto presente e o que se tornou apenas relato histórico. Mas Hooker reconhecia que o tempo e as mudanças sociais alteram também o nosso entendimento sobre a Escritura de forma que ela é aplicada *situacionalmente* e não *prescritivamente* como recomenda Robinson.

### 'Koinonia'

O bispo John Spong, que se tornou um dos grandes defensores da inclusão de homossexuais na igreja, apresentou à câmara dos bispos da Igreja Americana a declaração de Koinonia, que serviu como base para os debates sobre a homossexualidade naquela Província. O documento foi elaborado como uma declaração de fé ressaltando a beleza e santidade das relações sexuais praticadas no contexto do amor. Essa declaração afirma o seguinte:

*Creemos que o sexo é dom de Deus. Creemos que alguns de nós fomos criados heterossexuais e outros foram criados homossexuais. Creemos que a homossexualidade e heterossexualidade são moralmente neutras, que ambas podem ser vividas com beleza, honra, santidade, e integridade, e que, por outro lado, podem também conter elementos destrutivos. Creemos que, nos momentos em que a sexualidade for vivida de maneira destrutiva esta Igreja deve testemunhar contra ela. Opomo-nos a todas as formas de sexo promíscuo e predatório, bem como contra o sexo que não honra o companheiro com compromisso e amor. Creemos que o matrimônio deve ser mantido com honra, posto que representa a forma mais alta de compromisso que o homem e a mulher são capazes de assumir. Creemos que através do casamento marido e mulher são chamados à santidade. Creemos que o celibato é uma vocação honrosa para algumas pessoas, e os que escolheram viver no celibato por quaisquer razões possuem dons para dar que enriquecerão tanto a Igreja quanto a ordem social. Mas também cremos que gays e lésbicas, que não escolheram viver sós, mas decidiram se relacionar com companheiros de sua própria escolha podem ser fiéis, monogâmicos, compromissados, e santos, e que assim devem*

---

<sup>23</sup> Richard Hooker, *Of the laws of ecclesiastical polity*, livro 1, p. 328-329. Tradução do autor.



*ser honrados. Continuaremos a nos relacionar com esses casais, dando-lhes todo apoio, cuidado pastoral, por meio de orações e reconhecimentos, em qualquer forma que seja apropriada, pois Deus está verdadeiramente presente nas suas vidas...*<sup>24</sup>

A *declaração de Koinonia* significou um avanço no reconhecimento do valor das relações homossexuais, e a Igreja Episcopal dos Estados Unidos foi encorajada a aceitar e reconhecer estas relações. Ainda que a princípio não considerasse a possibilidade de terem seus relacionamentos abençoados em cerimônia especial e a possibilidade de serem ordenados ao sacerdócio, o documento demonstrou uma forte preocupação pastoral para com a comunidade gay da diocese de Newark, sendo por isso recomendado à Igreja nacional. O documento deixa claro que a Igreja não legitima ou aceita a promiscuidade, ou qualquer tipo de exploração sexual. É mantido o princípio do compromisso em qualquer relacionamento. E este compromisso ou amor, é o que deve ser o princípio regente de todas as relações, sem a necessidade de se criar um manual de condutas, delimitando os "podes" e "não podes" que na verdade nunca fez parte do jeito anglicano de ser.

### **'Declaração de Kuala Lumpur'**

Como reação à Declaração de Koinonia, em 1997, reuniram-se em Kuala Lumpur, na Malásia, os chamados 'bispos do sul', que reúne a maioria da ala conservadora do anglicanismo. O encontro teve o propósito de discutir e elaborar meios para combater o liberalismo ocidental, que permitia práticas consideradas afrontosas à ortodoxia cristã, principalmente no que concerne ao reconhecimento das relações homossexuais. Ainda que tivesse a participação de uma minoria de bispos da Comunhão, o encontro teve um impacto muito grande, pois o documento elaborado foi recomendado pela Conferência de Lambeth no ano seguinte.<sup>25</sup> Em oposição ao documento 'Koinonia', Kuala Lumpur reafirma as práticas homossexuais como desviantes, merecendo o cuidado pastoral da Igreja para restaurar as pessoas para que possam vivenciar sua sexualidade de acordo com aquilo que é natural, dentro dos princípios traçados por Deus para as relações sexuais conforme escritas na Bíblia. O documento redigido e aprovado pelos bispos em Kuala Lumpur diz o seguinte:

*Desde a queda (Gen. 3), a vida tem sido prejudicada, e a própria intenção de Deus arruinada. Nosso estado caído tem afetado todas as esferas de nosso ser,*

<sup>24</sup> The Rt. Rev John Shelby Spong, *'Statement of Koinonia'*: To the Members of the House of Bishops, and through them to the whole Church (Newark: Episcopal diocese of Newark, 1994). Tradução do autor.

<sup>25</sup> Anglican Consultative Council, *Lambeth Conference 1998* (Londres: ACC, 1998), relatório I.10 'human Sexuality.'



*incluindo a sexualidade. Tem havido desvios sexuais em todas as épocas e na maioria das culturas. Os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte sobre a cobiça (Mt. 5.27-30) deixa claro que o pecado sexual é perigo verdadeiro para todos. Portanto, conscientes de nossa vulnerabilidade ao pecado sexual, expressamos nossa preocupação acerca de desenvolvimentos recentes relacionados com a disciplina na Igreja e com o ensinamento moral em algumas províncias do Norte – especificamente, a ordenação de homossexuais praticantes e a bênção das uniões homossexuais. Ao mesmo tempo em que reconhecemos a complexidade de nossa natureza sexual e o seu impulso dentro de nós, estamos muito conscientes da vontade de Deus sobre estas áreas, como a Bíblia expressa. A Escritura testemunha o desejo de Deus em relação à sexualidade humana, a qual deve ser expressa somente dentro de uma relação duradoura entre homem e mulher no (sagrado) matrimônio. A sagrada Escritura é clara ao ensinar que promiscuidade sexual é pecado. Estamos convencidos que isto inclui práticas homossexuais entre homens ou mulheres, como também relações heterossexuais fora do matrimônio.*<sup>26</sup>

Os bispos que participaram deste encontro negam que exista qualquer ambigüidade por parte da Escritura em se tratando da questão da homossexualidade, mantendo o padrão de conduta sexual restrita ao casal (homem e mulher) unido em matrimônio. Toda e qualquer relação fora deste contexto é pecado, pois é afronta à autoridade da Escritura. Começa também a haver certa resistência às mudanças que aconteceram nas sociedades ocidentais. De forma que tudo que é considerado ocidental não o é de certa forma bem aceito pelas Igrejas da África e Ásia, principalmente. O homossexualismo passa então a ser considerado uma doença causada pela “libertinagem” dos países do Ocidente, e nega-se que o assunto seja de interesse dos países do Sul, a partir do momento que também se nega, em muitos casos, a existência de homossexualismo nas culturas africanas e asiáticas.<sup>27</sup>

O discurso adotado no encontro em Kuala Lumpur significou rompimento com aquilo que havia sido decidido anteriormente na Conferência de Lambeth, pois levou em conta apenas o texto da Escritura e da Tradição, não considerando desta forma os resultados de estudos científicos.<sup>28</sup> O documento reafirma a autoridade bíblica sobre questões de moral e ordem, e acusa a Igreja ocidental de perverter esta ordem.

<sup>26</sup> *Kuala Lumpur Statment, Resolução 6*, Segundo Encontro Anglicano do Sul, realizado de 10 a 15 de fevereiro de 1997, em Kuala Lumpur (Malásia). Tradução do autor

<sup>27</sup> Os bispos da Igreja Anglicana em Uganda, tentaram incluir uma emenda no relatório da Conferência de Lambeth de 1998, onde eles afirmavam que a homossexualidade tem suas raízes nos países desenvolvidos, e exportados para os países africanos. E combatem no mesmo documento a atitude das Igrejas do Ocidente em afirmarem este tipo de comportamento que é o mais combatido pela Sagrada Escritura. Esta emenda não foi aprovada pela Conferência.

<sup>28</sup> Anglican Consultative Council, *Lambeth Conference 1998*, relatório I.10 'human Sexuality..



Alguns teólogos afirmam que a crise que começa a se abater sobre o anglicanismo não é apenas teológica, mas questão de poder dentro da Igreja.<sup>29</sup> Primeiramente observamos a explosão de um fundamentalismo teológico, em que não mais se considera os princípios da Escritura em conjunto com o da Tradição e da Razão, o que estabelecia uma 'via-média', para que o anglicanismo não se tornasse nem puritano, nem romano, mas sim tivesse uma identidade própria que englobasse tanto os princípios da Reforma Protestante como também mantivesse sua catolicidade.<sup>30</sup> Hooker condenava a tendência puritana<sup>31</sup> de sua época por alegar que seu discurso é legitimado pela Escritura somente. Para ele, os puritanos caíram no mesmo erro da Igreja de Roma a qual combatiam, pois, ao dizerem que seu discurso era legitimado somente pela Escritura, já estavam colocando seu discurso em pé de igualdade com o texto sagrado. Hooker percebeu que sempre haveria interesses pessoais influenciando debates, não fazendo justiça à finalidade para qual a palavra de Deus havia sido dada à sua Igreja.<sup>32</sup>

O discurso adotado por muitos dos conservadores para combater a homossexualidade, como o apresentado em Kuala Lumpur, tende a preservar a Bíblia e a Tradição somente, em detrimento da Razão, que por muito tempo fizeram parte da metodologia teológica anglicana. O apelo à Escritura é apresentado constantemente em acontecimentos posteriores, de forma irredutível, numa tentativa de dominar as agendas dos encontros anglicanos, principalmente para impedir que haja qualquer concessão liberal dentro da Igreja. Começam a surgir afirmações categóricas sobre a homossexualidade, sem nenhuma concessão, nas quais os argumentos científicos sobre a questão não têm valor se colocarem em jogo a autoridade da Escritura. Começa, portanto, a absolutização de preceitos éticos, tornando as leis universais e imutáveis independentemente de situações contextuais. Podemos considerar nisto, o que está escrito sobre a questão do dogma, no relatório de Kinsey:

*O dogma, ou seja, uma profissão de fé inquestionável, é estabelecida somente quando o objetivo é eliminar para sempre toda e qualquer dúvida. Mas isso não tem nada a ver com os julgamentos de natureza científica, e sim com um desejo pessoal de poder.*<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> Paul Inman, 'The implications for the Anglican Communion of the rapid creation of new dioceses in Igboland. S.E. Nigeria', in *The Future of Anglicanism Conference* (Howarden: St. Deioniol's Library, 2000) num estudo apresentado sobre o tribalismo nas igrejas anglicanas no continente Africano, mostra os conflitos causados pelo desejo de poder dentro da Igreja na Nigéria, como também a crise teológica que se abateu sobre aquela província, de forma que a identidade anglicana está em jogo naquele contexto.

<sup>30</sup> Richard Hooker, *Of the laws of ecclesiastical polity*, livro 1, 124.

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> Alfred C. Kinsey et. al., *Sexual Behaviour in the human male* (Filadélfia: Saunders, 1948), p. 625



As conferências de Lambeth de 1978 e 1988 evitaram tomar qualquer decisão na questão da homossexualidade, pois admitiam a necessidade de haver mais estudos sobre a questão. Ao recomendá-los, reconhecia que era perigoso naquele dado momento tomar decisões sobre uma questão que era nova para a maioria, sendo necessário tempo para aprofundamento a fim de evitar que a Igreja caísse em extremos, ou dogmatizasse a posição de um determinado grupo apenas.

### **Homossexualidade e os anglicanos no Brasil**

A década de 90 foi de grandes conquistas para os gays e lésbicas no Brasil. Os direitos destas pessoas começaram a ser considerado a partir do projeto de parceria civil da então deputada federal Marta Suplicy.<sup>34</sup> A imprensa passa a tratar a questão de forma aberta, e os homossexuais ganham na justiça direitos que antes lhes eram negados. No entanto, a sociedade brasileira, como a maioria das sociedades latinas, em grande parte, conservadora. Prevalece, ainda, entre muitos cristãos brasileira certa indisposição para estudar o comportamento homossexual, bem como suas causas. Este comportamento é afirmado de maneira categórica como pecado e classificado juntamente com outros tipos de comportamentos considerados perversos. O evangélico Carlos Grzybowski afirma que o comportamento homossexual pode levar a práticas de sexo com animais e, também, à pedofilia.<sup>35</sup> Desta forma, conclui-se que a fé de muitos protestantes se sobrepõe a qualquer conhecimento científico, não abrindo possibilidade para questionamentos.

O anglicanismo no Brasil, sendo um grupo minoritário, tem tentado se posicionar sobre o homossexualismo de forma distinta tanto de outras Igrejas brasileiras, quanto de outras Igrejas anglicanas no hemisfério sul. Seus bispos, no Sínodo de 1997, emitiram uma carta pastoral sobre a sexualidade humana. Nesta carta, fazem as seguintes considerações:

*Afirmamos que a sexualidade é um dom de Deus e que as relações sexuais, exercidas no contexto do amor e do respeito mútuo, não só devem ser aceitas, mas também consideradas como as coisas boas que Deus criou. Por outro lado, a promiscuidade sexual entre pessoas do mesmo gênero ou de gêneros diferentes deve ser combatida, por ser contrária ao ensino da Escritura. Entretanto, a Igreja deve receber com amor pessoas de qualquer raça, cultura, classe social ou orientação sexual ... a Conferência de Lambeth de 88, no que concerne à família e matrimônio, não conseguiu eliminar a confusão, provocando ensino sobre sexualidade humana. Algumas províncias vêm afirmando que o homossexualismo é pecaminoso, enquanto outras adotam uma atitude pastoral contextualizada... Os estudos que contribuem para as diferentes compreensões em relação à homossexualidade continuam; e como bispos recomendamos o diálogo, o bom senso e a preocupação pastoral com as pessoas de orientação homossexual na comunidade. Não podemos assumir posições*

<sup>34</sup> Ver Grupo Gay da Bahia, site <http://www.ggb.org.br/lei.html>

<sup>35</sup> Carlos Grzybowski, *Macho e fêmea os criou* (Viçosa: Editora Ultimato, 1998), p. 74.



*finalis sobre a ordenação de homossexuais ou a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo, porque o assunto na própria Comunhão ainda está em fase de amadurecimento. A Bíblia em alguns textos condena explicitamente o relacionamento homossexual, embora em sua maioria seus textos condenem a promiscuidade, a orgia ou o deboche. Entretanto, devemos entender que a Bíblia não é um ditado de Deus, mas sim a revelação de Deus carregada pelas interpretações de seus autores que trazem nela as influências de suas culturas e épocas (viviam eles numa sociedade patriarcal e machista). É necessário que a Igreja Episcopal Anglicana no Brasil inclua em seus programas educacionais e pastorais estudos e orientações sobre a sexualidade humana, levando em conta o ensino da Escritura, o conhecimento das ciências humanas, a experiência da tradição anglicana e uma compreensão contextualizada da controvertida questão...<sup>36</sup>*

*Essa carta pastoral dos bispos brasileiros foi basicamente a primeira a tratar o assunto da homossexualidade de forma ampla. O documento leva em consideração o relatório da Conferência de Lambeth de 1988, que incentivou o estudo sobre a questão. A carta, na realidade, abre a discussão, não oferecendo nenhuma conclusão, fora aquelas menções feitas à preocupação dos bispos em estarem contextualizados e o reconhecimento de que a Bíblia não oferece nenhuma resposta clara sobre a questão. Os bispos brasileiros mantiveram o posicionamento clássico do anglicanismo, buscando a 'via-média', não chegando a extremos, levando em consideração a Escritura, a Tradição e a Razão. Reconhecem a tradição da Igreja em que o matrimônio tem sido a norma, mas não descartam a possibilidade de haver outras espécies de relacionamentos regidos pela lei do amor. Quando procuram uma resposta na Bíblia, entendem que o contexto em que os textos foram escritos e a bagagem cultural que influenciava seus escritores devem ser considerados, mesmo que impossibilitem qualquer aplicação dos mesmos hoje. Faz-se necessário, então, procurar a iluminação da razão, que se manifesta pelas ciências e pela mentalidade da sociedade. Os bispos, nesta carta, não tentam adicionar regras ao que a Escritura diz sobre a questão da homossexualidade, quando reconhecem que a mesma é de certa forma limitada sobre o assunto.*

### **Conferência de Lambeth de 1998**

A Conferência de Lambeth de 1998, diferentemente das Conferências anteriores, foi dominada por discussões em torno da sexualidade humana. As teses defendidas por liberais e conservadores serviram para acirrar os ânimos, e principalmente a indisposição da ala conservadora para dialogar sobre o assunto fez com que um clima tenso se abatesse sobre Cantuária.

Após debates calorosos sobre o assunto, foi aprovada na seção plenária sobre os direitos humanos, a seguinte resolução:

---

<sup>36</sup> Câmara dos Bispos da IEAB, 'Carta Pastoral: Sexualidade Humana'. *Estandarte Cristão 1743* (Porto Alegre: IEAB, 1997) p. 4.



*Esta conferência: (a) recomenda à Igreja o relatório da subseção sobre sexualidade humana; (b) em vista do ensino da Escritura, defende a fidelidade no casamento entre um homem e uma mulher numa união indissolúvel, e acredita que a abstinência é adequada para aqueles que não são chamados para o casamento; (c) reconhece que há, entre nós, pessoas que receberam orientação homossexual. Muitas delas são membros da Igreja e buscam atendimento pastoral, orientação moral da Igreja e o poder transformador de Deus para viver suas vidas e ordenar seus relacionamentos. Nós nos comprometemos a ouvir as experiências dos homossexuais, e desejamos assegurar-lhes que são amados por Deus, e que todos batizados, pessoas fiéis e crentes, independentemente de sua orientação sexual são membros plenos do Corpo de Cristo; (d) ao mesmo tempo em que rejeita a prática homossexual como incompatível com a Escritura, solicita a todas as pessoas que auxiliem, de maneira sensível e pastoral, todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual, e condenem o medo irracional de homossexuais, a violência no casamento e toda a banalização e comercialização do sexo; (e) não pode recomendar a legitimidade ou a bênção de uniões do mesmo sexo, nem ordenar aqueles que estão envolvidos em uniões do mesmo gênero; (f) solicita aos Bispos Primazes e ao Conselho Consultivo Anglicano que estabeleçam meios para monitorar o trabalho realizado sobre a sexualidade humana na Comunhão Anglicana e compartilhar informes e recursos entre nós; (g) considera a importância da Declaração de Kuala Lumpur sobre Sexualidade Humana e as preocupações contidas nas resoluções IV.26, V1, V10, V.23, e V.35 sobre a autoridade da Escritura em matéria de casamento e sexualidade, e solicita aos Bispos Primazes e ao Conselho Consultivo Anglicano que as incluam no seu processo de monitoramento.<sup>37</sup>*

Esta resolução apresenta alguns problemas ou ambigüidades que devemos tratar de forma detalhada.

A primeira conclusão da resolução é que o padrão bíblico para os atos sexuais seria o casamento. No entanto, o casamento só passou a ser valorizado pelos cristãos depois do século IX da nossa era. Richard Holloway apela aos escritos de Karl Barth para argumentar que a Igreja nunca teve uma teologia do matrimônio, mas apenas desenvolveu uma liturgia para a cerimônia de casamento.<sup>38</sup> De toda maneira, os bispos nesta conferência tentam apoiar sua posição bíblica em relação ao matrimônio com apelos à narrativa da criação em Gênesis. Pode-se questionar o alcance desses argumentos sabendo-se que as personagens do livro de Gênesis demonstram acima de tudo, forte preocupação com a procriação. E o casamento como célula de uma sociedade organizada só iria se manifestar mais tarde em outros escritos.<sup>39</sup> Mesmo

<sup>37</sup> Anglican Consultative Council, *Lambeth Conference 1998*, Relatório I.10. Tradução do autor.

<sup>38</sup> Richard Holloway, *Dancing on the edge* (Londres: Fount, 1997), p. 104.

<sup>39</sup> George Edwards, *Gay/lesbian liberation: a biblical perspective* (Nova York: The Pilgrim Press, 1984), p. 35-40.



que o livro de Gênesis apresente a criação do homem e da mulher como companheiros, a narrativa não circunscreve necessariamente os relacionamentos sexuais ao contexto de matrimônio.<sup>40</sup> É claro que poderia existir a limitação contextual de uma sociedade primitiva e patriarcal cuja prioridade era a procriação. Mas, por outro lado, as manifestações homoeróticas já eram assunto preocupante, sendo considerados comportamentos aceitos por outras culturas, o que seria, portanto, ameaça ao estabelecimento da identidade distinta do povo hebreu.<sup>41</sup>

Na tradição da Igreja em torno do sexo e do matrimônio, também existem implicações do sexo como tabu, por proporcionar prazer e não ter unicamente a finalidade procriativa. Mesmo a expressão sexual entre o marido e sua mulher poderia ser considerada pecado se infringisse a norma acima descrita.<sup>42</sup> Assim sendo, mesmo considerando o casamento heterossexual como norma, ele, por sua vez, estaria ainda limitado pelo fato da Igreja considerar o prazer sexual algo pecaminoso.<sup>43</sup> É claro que devemos ter em conta que no anglicanismo houve rompimento com a tradição que enfatizava a finalidade do casamento como unicamente a procriação. O rito para casamento condiciona a procriação dos filhos à vontade ou permissão divina, e não ao casamento em si.<sup>44</sup> Mesmo casais heterossexuais nem sempre podem ter filhos, devido à idade ou por serem estéreis. Podem, no entanto, tê-los por adoção ou fertilização *in-vitro*. Até mesmo os puritanos defendiam a idéia de que a finalidade do casamento não era primeiramente a procriação, pois acreditavam que a finalidade de terem sido criados como seres sexuais era para que fizessem amor e também desfrutassem a intimidade, a mutualidade, e não apenas a procriação. Se o casal viesse a ter filhos isto seria uma 'bênção adicional', mas não o objetivo principal do casamento.<sup>45</sup>

O relatório da Conferência de Lambeth sobre a sexualidade humana, ao limitar sua expressão ao contexto do matrimônio, poderia ter considerado estes aspectos constatados nas mudanças que já ocorreram em relação à tradição da Igreja. Isto também mostra mudanças na maneira como a Escritura é utilizada neste contexto. Não podemos deixar de mencionar aqui também que o casamento não é mais considerado indissolúvel em muitas províncias da Comunhão Anglicana, apesar da Conferência insistir em afirmar isto como norma bíblica para as relações humanas.

Novamente percebemos que a Igreja tem se mostrado ambivalente na utilização dos textos bíblicos para defender ou condenar alguma coisa ou comportamento. Vários teólogos têm levantado questões, por exemplo, relacionadas com a escravidão e a participação feminina no sacerdócio. Em relação às leis de

---

<sup>40</sup> Ibid.

<sup>41</sup> David Bruce Taylor, *Homosexuality, the Bible and the fundamentalist tradition* (Londres: LGCM, 1999) p. 21-25.

<sup>42</sup> Uta Ranke-Heinemann, *Eunuchs for the kingdom of heaven* (Londres: Doubleday, 1990), p. 125, 145.

<sup>43</sup> Matthew Fox, *Whee! We, wee all the way home* (Santa Fe: Bear & Company, 1981), p. 7.

<sup>44</sup> 'Celebração e bênção matrimonial', in *Livro de Oração Comum* (Porto Alegre: IEAB, 1987), p. 183.

<sup>45</sup> James B. Nelson & Sandra Longfellow (eds.), *Sexuality and the sacred-sources for theological reflection*, (Londres: Mowbray, 1994) p. 364.



pureza no Antigo Testamento, nem todas têm sido aceitas como relevantes para os cristãos hoje. Entende-se que se tratavam de temas específicos para aquela época determinada. Novamente considerando a questão da escravidão, John Spong menciona que da mesma forma que a Igreja falhou no uso da Escritura para legitimar o regime escravocrata, ela falha ao usar a Escritura para combater a homossexualidade.<sup>46</sup> A ambivalência da Igreja se dá pelo fato de adotar diferentes posturas para diferentes textos. Ela considera alguns preceitos morais estabelecidos pela Escritura como algo próprio da experiência ou da realidade sociocultural de determinado povo ou época, portanto não aplicáveis na realidade de hoje, enquanto que outros preceitos bíblicos ela lê e interpreta de maneira universal, e os impõe como regra aos seus seguidores. O problema maior é a confusão que a Igreja faz em relação às normas rituais, aplicando-as como princípios éticos para todas as situações, não conseguindo distinguir uma da outra. Sobre esta questão, Richard Holloway argumenta que:

*As proibições rituais caracterizam e definem certos sistemas religiosos tradicionais, como o judaísmo ortodoxo, mas não acreditamos que elas sejam parte das leis morais estabelecidas sobre a humanidade. Elas são parte da particularidade de tradições especiais, um tipo especial de piedade, assim como certas ordens religiosas dentro da tradição cristã desenvolvem atividades extras de piedade e autonegação como um estilo de vida voluntário.<sup>47</sup>*

A utilização que a Igreja faz da Escritura, consciente ou inconscientemente, privilegia seus interesses institucionais, em detrimento das necessidades de cada indivíduo que a integra. Agindo assim, a Igreja trata a Escritura como “um tipo de supermercado, no qual se apanha o que precisar”,<sup>48</sup> destacando textos que lhe agradam e relegando outros textos a um segundo plano como desatualizados. Além disso, como afirma Márcio Saraiva: “Toda leitura é orientada por uma determinada visão, por determinados interesses ideológicos. Há sempre valores prévios a qualquer leitura bíblica que de alguma maneira interagem com o texto lido/estudado.”<sup>49</sup> A dificuldade maior acontece quando a complexidade da vida humana é ignorada levando algumas pessoas a julgarem que “entendem a escritura inequivocamente, especialmente relacionada com a urgência das questões morais, políticas, e eclesiais, mesmo quando a comunidade dos fiéis não chegou a um determinado consenso. Tais afirmações geralmente também ignoram a complexidade da escritura,

<sup>46</sup> John Spong; *A personal Statement from the Rt. Revd. John S. Spong* (Cantuária: Lambeth Conference 1998).

<sup>47</sup> Richard Holloway, *Godless morality* (Edinburgo: Canongate Books, 2000), p. 13. Tradução do autor.

<sup>48</sup> Uta Ranke-Heinemann, *Eunuchs for the kingdom of heaven* (Londres: Doubleday, 1990), p. 126.

<sup>49</sup> Márcio Sales Saraiva, *Fundamentalismo e universalismo*. Texto disponível no site <http://br.egroups.com/message/anglicana/287>, 9 de Abril de 2001.



prejudicando o trabalho árduo de discernimento alcançado em oração, e polarizando a comunidade dos fiéis ao longo de linhas de interpretações “certas” e “erradas”.<sup>50</sup>

Pela primeira vez, o anglicanismo afirmou em um evento internacional que os homossexuais também se tornam membros em plena comunhão com a Igreja, mas se vê no direito de negar-lhes o exercício de sua sexualidade. Apesar de que no ano anterior a Aliança Evangélica do Reino Unido havia afirmado que no momento do batismo não há distinção de pessoas, porque ‘nossas afeições sexuais, assim como nossa classe, raça ou nacionalidade, não podem definir quem nós somos. No aspecto ontológico mais profundo, portanto, não existem “homossexuais” ou “heterossexuais”; existem apenas seres humanos, macho e fêmea.’<sup>51</sup> A aceção de pessoas começa mais tarde, quando as tendências sexuais dos indivíduos se manifestam, de forma que, quando esta orientação pende para a homossexualidade, eles são forçados a não desfrutarem dos prazeres do sexo, e viverem uma vida de abstinência, sublimando parte de sua própria humanidade, e sem considerar que também o direito à afetividade lhes foi negados. Ainda que o relatório da Conferência ‘condene todo medo irracional de homossexuais’, e reafirme o compromisso da Igreja em manter o diálogo com esse grupo, a postura dos bispos revela que não houve qualquer esforço para investigar como as pessoas são criadas individualmente ou em grupos, separando a sexualidade da identidade ou inclinação natural. Com esse relatório, a Igreja acabou caindo no descrédito de muitas pessoas que nela buscavam o apoio moral e espiritual, pois ela havia novamente se isolado atrás dos muros dos dogmas, a fim de preservar a instituição de tudo aquilo que colocaria por terra essa estrutura corrompida pelo dualismo agostiniano.

Os reformadores procuraram restaurar o sentido do prazer, do companheirismo e da intimidade nas relações sexuais que haviam sido condenadas pela tradição da Igreja medieval. Já o teólogo Matthew Fox, encoraja os homossexuais a assumirem sua posição, não apenas para o bem deles mesmos, mas também para restaurar a atitude da sociedade em geral em relação ao sexo e à sensualidade, pois tanto a sociedade quanto a Igreja, tem sido dominadas pelo ‘sadismo’ e pela ‘insensibilidade’.<sup>52</sup> Até o momento em que a Igreja considerava a homossexualidade a partir das questões dos direitos humanos, ainda era possível acreditar que ela estava realmente disposta a confrontar esse sadismo e trabalhar na implantação de uma nova ética baseada na lei do amor que se preocupa com o ser humano acima de qualquer tradição moral engessada pelas idéias provenientes das frustrações sexuais de Santo Agostinho. No entanto, os bispos de Lambeth, preferiram continuar acreditando que as complexidades da vida humana se resolveriam facilmente através de “bulas”, como se os humanos fossem máquinas que precisam de manual para operá-las, e quando cada botão, apertado na devida ordem faz com eu tudo funcione adequadamente, proporcionando vida plena.

<sup>50</sup> ‘Response to the Lambeth Conference 1998’ in *Anglican Association of Biblical Scholars* Ver o site <http://www.aabs.org>. Tradução do autor.

<sup>51</sup> ‘St. Andrew’s day statement’, in Timothy Bradshaw (ed.) *The Way forward?* (Londres: Hodder & Stoughton, 1997), p. 7. Tradução do autor.

<sup>52</sup> Matthew Fox, *Whee! we, wee all the way home: a guide to sensual, prophetic spirituality*, p. 237.



Nenhum ser humano (heterossexual ou homossexual) é composto de uma fórmula matemática, dizia Robinson, portanto somente o amor é capaz de fazer com que entendamos a humanidade de maneira profunda. O que Robinson apresentou, não foi novidade, pois é a essência do Evangelho de Cristo, o amor em vez de todas as leis e rituais de purificação impostos pelo Antigo Testamento, o ser humano acima de qualquer sistema legal, a caridade como princípio da castidade, a inclusão contra os interesses institucionais. Robinson simplesmente tenta reavivar os princípios básicos da ética cristã, afirmando a necessidade de sermos honestos conosco mesmos e com Deus, pois no final de tudo veremos que não teremos condições de julgar determinados grupos de pessoas como inaptos para herdarem o reino dos céus. Nenhum ser humano veio ao mundo com um manual de instrução para o seu desenvolvimento sexual-afetivo. Impor a Bíblia, fora de contexto, para que sirva como um manual de instrução é imoral, pois aborta toda a riqueza da diversidade das expressões sexuais dentro de cada contexto cultural. A maneira como muitas pessoas na Igreja tem levado adiante este debate, com discursos cristalizados, e idéias pré-concebidas em relação ao homossexualismo, não permitirá que a comunidade dos fiéis chegue a um consenso sobre esta questão, a menos que o amor, a caridade como princípio para todas as relações, sejam adotados como pedras fundamentais para nossos princípios éticos.